



DIÁRIO POPULAR

DEZEMBRO
13
2.ª-FEIRA

Director JACINTO BAPTISTA Director-adjunto ABEL PEREIRA

ANO XXXV — 1976 — N.º 12 108 — PREÇO 6\$00

Propriedade da Empresa Pública dos Jornais SÉCULO e POPULAR (EPSP) — R. Luz Soriano, 67, Lisboa 2 — Telef. 328291/5 (P.P.C.A.) — 328296-364630-364639 (Redacção) — 328297 (Publicidade)

APÓS CONTAGEM RELATIVA A 200 CONCELHOS

ELEVADO ÍNDICE DE ABSTENÇÕES

O P. S. GANHOU EM 88 MUNICÍPIOS
O P. S. D. EM 62
A F. E. P. U. EM 26
E O C. D. S. EM 23



Fotos de MIRANDA CASTELA

Momentos antes do fecho da emissão, Mário Soares apareceu na TV, analisando as perspectivas da marcha do apuramento do escrutínio

UMA avaria do computador atrasou o apuramento de resultados em relação ao que estava programado. A operação de contagem provisória de votos terminou às 6 horas da manhã, hora a que dizem respeito os números totais publicados na parte superior deste quadro e a percentagem de votos obtida por cada partido, em relação à distribuição dos resultados das eleições para os municípios pelos partidos; o computador só os forneceu para 38 concelhos. O «Diário Popular», por meios próprios, obteve resultados de 200 concelhos, que constam das três últimas colunas do quadro.

Síntese dos resultados às 7 horas

ELEITORES INSCRITOS		VOTANTES		ABSTENÇÕES	VOTOS BRANCOS	VOTOS NULOS
2 181 004		1 368 016		37,28 %	31 575 (2,3 %)	34 119 (2,49 %)
PARTIDO OU FRENTE	N.º de concelhos em que concorreu	Percentagem de votos	Número de câmaras em que obteve		N.º total de mandatos	
			Maioria simples	Maioria absoluta		
C. D. S.	250	15,71	16	7	81	
F. E. P. U.	285	19,61	12	14	89	
G. D. U. P.	74	2,24	—	—	—	
L. C. I.	14	0,05	—	—	—	
M. R. P. P.	57	0,68	—	—	—	
P. C. P. (M.-L.)	27	0,29	—	—	—	
P. P. D./P. S. D.	265	24,39	42	20	156	
P. P. M.	8	0,23	1	—	2	
P. R. T.	0	0,00	—	—	—	
P. S.	300	32,00	74	14	223	

* Neste quadro não figura o P. D. C. em virtude de só concorrer a três Assembleias Municipais.

UM POUCO ANTES DO APURAMENTO FINAL

BALANÇO DE GANHOS E PERDAS
MAS... AINDA PODE HAVER SURPRESAS!

MEIA dúzia de linhas para transmitir ao leitor a ideia com que ficamos depois desta primeira fase do escrutínio provisório que prosseguirá à hora que o nosso jornal começa a circular e que, muito embora pretenda ser um balanço de ganhos e perdas, poderá, no entanto, significar para já apenas um palpite sabido que ainda não foram escrutinados os resultados definitivos dos grandes centros urbanos. Dentro desta ordem de ideias poderemos dizer que o P. S. pouco perdeu, para já, e muito ganhou em certos locais onde eventualmente não seria de esperar, nesta altura, a sua implantação junto do eleitorado. O P. S. D., que se apresentou em muito menos concelhos do que os socialistas apresenta, neste momento, resultados importantes e ganhos significativos. O mesmo se pode dizer do C. D. S., que foi buscar votos a «território da oposição». Finalmente, a F. E. P. U. poderá ter encontrado, desde já, os seus resulta-

dos finais, atendendo a que os votos das zonas onde poderia contar com o maior apoio do eleitorado já são quase totalmente conhecidos, com excepção dos de Lisboa e da linha de Sintra e de alguns concelhos da margem Sul. Para já, aguarda-se com expectativa a continuação do escrutínio, à espera de mais qualquer surpresa, para além daquela que constituiu a vitória do P. P. M. no concelho de Ribeira de Pena, no distrito de Vila Real.

Uma das tónicas dominantes destas eleições foi o elevado grau de abstenção do eleitorado, o qual pode vir a aproximar-se dos 40 por cento. Tratando-se de eleições para órgãos de administração local esta ausência do eleitorado, para mais em dia de clima ameno, não poderá deixar de ser tema de reflexão.

C. J.

A AFLUÊNCIA ÀS URNAS EM LISBOA

UM TRIPLO VOTO PARA NOVE HIPÓTESES

UM domingo sossegado a que nem o sol faltou, ainda que aparecendo timidamente, constituiu o cenário em que o povo da capital do país exerceu o seu direito de voto para eleger o presidente da Câmara de Lisboa, os representantes à Assembleia Municipal e os membros das Juntas de Freguesia. Um triplo voto face às nove hipóteses postas aos eleitores, afinal tantas quantos os candidatos apresentados à chefia do município: Aquilino Ribeiro (P. S.), Silva Graça (F. E. P. U.), Helena Roseta (P. P. D./P. S. D.), Martins Canaverde (C. D. S.), Nuno Teotónio Pereira (G. D. U. P.'s), Fernando Rosas (M. R. P. P.), Margarida Quintino [P. C. P. (m. l.)], Gonçalo Ribeiro Teles (P. P. M.) e António Manzoni (L. C. I.).

Iniciámos a nossa ronda pelas assembleias de voto na zona oriental da cidade e estivemos precisamente na mesma escola onde, também em serviço, nos deslocáramos em 1969. Recordei então que, exactamente naquele mesmo adro de escola, uma mulher, trajando com modéstia, me havia respondido, naquela data, quando a interroguei porque ia votar. «Vou votar — declarou-me — porque o chefe do serviço onde trabalho, lá na Câmara, disse que nós tínhamos de vir votar todos na A. N. P.»

Já não me lembro, como é natural, da fisionomia da pobre mulher que, há sete anos, votou com medo de perder o emprego — coagida não só a votar, mas a votar numa dada organização, num determinado sistema.

As pessoas que ontem vi entrar na mesma escola de Marvila disseram-me exercer o seu direito de voto porque queriam, e saber muito bem o que iam escolher. Só o dobrar dos boletins, à boca da urna, por serem três de uma assentada, fez confusão a alguns.

«Olhe meu caro senhor — disse-me um homem de meia idade — isto tem de ir para a frente. Voto por mim mas voto também pelos dois netos que tenho lá em casa. Para que cresçam em liberdade.»

Percorremos as assembleias de voto da zona das Avenidas Novas, fomos a Alvalade, estivemos em Campo de Ourique, na Estrela e na Lapa, descermos a Alcântara e passámos por S. Bento e pelo Rato. Depois estivemos no Alto do Pina, no Areeiro e em Benfica, onde nós próprios votámos: Por todo o lado, sem pressas, mas num vaivém ininterrupto, centenas e centenas de pessoas, novos e velhos, homens e mulheres, civis e militares, todos apostados no completar da estrutura democrática do País alicerçada na vontade expressa de cada qual.

As poucas filas de pessoas que vimos em Lisboa, durante o dia de ontem, eram constituídas por gente que aguardava a sua vez de encher garra-

fões e baldes de água. Passava-se isto nos pontos da cidade ainda afectados pelo corte do precioso líquido em consequência do atentado bombista perpetrado contra a conduta de água na Póvoa de Santa Iria.

O civismo e a determinação da população lis-

boeta foi superior ao pânico que os terroristas queriam fazer instalar na cidade. E o povo não ardeu pé, mostrando uma vez mais que não está disposto a permitir que decidam por ele. O povo quis votar ontem em Lisboa, e votou, apesar de o terem querido fazer baquear pela sede.



Bichas como esta raramente se registaram, ontem, nas assembleias de voto, pois a população, já «madura» nestas operações, compareceu ao longo do dia a fim de evitar aglomerações

Reportagem de NUNO VASCO (texto) e CORRÊA DOS SANTOS (foto)



O povo da Amadora participou activamente no acto eleitoral, comparecendo, por vezes, em grupos familiares representativos de várias gerações

AMADORA: CALMA E CONFIANÇA NA MAIOR FREGUESIA DA EUROPA

Reportagem de MANUEL GONÇALVES DA SILVA (texto) e JOSÉ ANTUNES (fotos)

JUNTO dos estabelecimentos de ensino das seis povoações principais da freguesia da Amadora — Alfragide, Amadora, Branda, Buraca, Damaia e Venda Nova — o ambiente que ontem se viveu recordava as manhãs de domingo das nossas aldeias de província, à hora da missa, senão mesmo nos dias maiores de romaria: gente e mais gente que trazia ao terreiro os fatos novos e que aproveitava para renovar a boa disposição, cumprimentando-se, sorrindo com inusitada facilidade, como se aquele dia fosse particularmente dado ao reencontro dos amigos em particular e das pessoas em geral, um dia diferente e melhor, quase solene, verdadeiramente um dia de comunhão.

Nas aldeias da província, regra geral, as pessoas cumprem o dever religioso de assistir à missa, uma vez por semana; ontem, muitas cumpriram com idêntico fervor o dever cívico de votar. Ou assim parecia, a julgar pelo tom

VOTAR UMA E OUTRA VEZ E SABER PORQUE (OU A HISTÓRIA EDIFICANTE DO 25 DE ABRIL DO POVO)

Na freguesia da Amadora concorreram os seguintes partidos ou frentes eleitorais para as assembleias: CDS, PS, FEPU, PPD/PSD, GDUP e MRPP (a que se juntam, também, para a Câmara Municipal — Oeiras — o PPM, PCP (ml) e PRT). O facto de se tratar de eleições para as autarquias locais, sem, regra geral, envolverem os nomes das «grandes figuras nacionais» dos partidos e, pelo contrário, podendo ressentir-se do esforço das duas votações anteriores — para a Assembleia e para a Presidência da República — sugeriu a alguns que talvez muita gente se alheasse do acto, por cansaço, menos interesse ou mesmo uma certa desconfiança. Taj não se verificou na freguesia da Amadora, segundo pudemos apurar das múltiplas perguntas que fizemos: elucidativa é a seguinte resposta de uma operária, residente na Branda, de 45 anos: — «O voto popular é sempre importante mas desta vez ainda

mais: se conseguirmos agora colocar nas Juntas de Freguesia e na Câmara pessoas que estejam do nosso lado, interessadas em resolver os problemas do povo, com certeza que as nossas condições de vida irão melhorar. Até aqui poucos se interessavam conosco. Agora, finalmente, podemos escolher pessoas da nossa confiança, interessadas e capazes de lutar pela resolução dos nossos problemas: veja-se o caso da Branda: as ruas, as escolas, tudo o que diz respeito às condições de vida da população está desprezado, tudo é impróprio, porque ainda não houve da parte dos responsáveis interesse em resolver estes problemas. Agora pode o povo a decidir a mudança deste estado de coisas.»

No mesmo tom, seguro, calmo, acrescentou:

— «Tenho 45 anos — 45 anos de sofrimento. Não por doença, felizmente, mas porque nenhum governo se preocupou em resolver os grandes problemas das classes mais desfavorecidas, a que pertencio; só têm visto os grandes; e os mais pequeninos ficam de baixo do algarido, como dizem que fez a mãe Eva, o que é mentira, porque se ela fosse mãe, sê-lo-ia de todos

resignado e obediente que a maioria evidenciada. De resto, quando o repórter se aproximava e ingenuamente perguntava o motivo da presença dessas pessoas recolhia a seguinte resposta anódina: — «Vimos cumprir a nossa obrigação». E pronto.

Nos referidos estabelecimentos de ensino funcionavam, as 206 mesas de voto da freguesia, que é a maior do País, a maior da Europa e, provavelmente será a maior do Mundo, com um total deveras impressionante de 104 562 eleitores inscritos! Foi no mesmo local e em circunstâncias em tudo semelhantes que o «bom povo» votou já por três vezes — quatro com esta — depois do 25 de Abril. Já conhece a partitura. E tudo correu lindamente, sem demasiadas perguntas nem incidentes, nem demoras, apesar de ontem o voto se repartir por três boletins. A TV, a Rádio e a Imprensa já tinham explicado o suficiente. Era questão pura e simples de escolher «em consciência» o

e não apenas de alguns. Temos de ser nós a lutar por que as coisas se modifiquem.» Chama-se Maria Brites, está operária, nascida e criada em Baleizão; onde foi ceifeira, amiga e companheira de Catarina — que viu cair sob as balas da GNR.

Ainda na Branda, num grupo de amigos, todos com mais de 50 anos, operários ou ex-operários, um deles afirmou que votara na lista do PS e acrescentou, antecipando-se a quaisquer perguntas: — «Mas o que importa é que nestas eleições sejam escolhidos para as autarquias homens a valer, que saibam reconhecer os direitos da classe operária e dos camponeses, da gente trabalhadora em geral, que merece todo o respeito e que nada tem recebido. Todos os partidos aqui fizeram campanha: prometeram tudo!; é o costume. Mas nada fizeram. Acreditamos que desta vez as coisas melhorem. Por isso as eleições são importantíssimas.»

O PANO E A NÓDOA

Percorremos todas as assembleias do voto da freguesia da Amadora: umas mais concorridas do que outras; mais entusiasmo de alguns componentes do que da parte

de outros (só nas mesas de voto e sem contar os delegados dos partidos encontrámos a trabalhar 1030 pessoas!); por todo o lado nos manifestaram o mesmo sentimento de apreço pelo que se passava: as pessoas chegavam, por vezes pediam informações, preenchiam os boletins sem grandes delongas e seguiram seu caminho. Sem incidente. A não ser, e raros, alguns casos «característicos», inevitáveis, como o da velha senhora que voltou atrás e pediu para lhe devolverem o boletim por se ter enganado, ou o cavalheiro que, depois de observar atentamente o boletim respectivo, gritou que não votaria por não constar nele o seu partido... Mac nada que merecesse o nome de incidente, a não ser em Alfragide, onde, segundo nos informaram, os elementos da Frente Eleitoral Povo Unido protestaram contra uma situação que reputam ilegal: na véspera, cerca das 22 horas, um grupo de jovens do CDS andou a distribuir propaganda; avisados de que isso era ilegal, responderam com evasivas, ou mesmo provocatoriamente, e continuaram; avisada a GNR da Amadora, fez deslocar ao local alguns agentes que já não encontraram os ditos jovens; mas, na manhã das eleições,

quadrado onde cada qual deveria inscrever a respectiva cruz. E assim se fez.

Com efeito a experiência acumulada facilitou enormemente o cumprimento desta obrigação, dita «dever cívico». Assim, em vez do frenesi das primeiras eleições livres de Abril de 1975, que obrigaram o paciente eleitor a esperar longamente nas bichas, em frente da urna, aconteceu agora uma racional distribuição das pessoas pelo dia fora, sem atropelos: às 9 e 30, por exemplo, numa das mesas de voto da Amadora, apenas 13 eleitores tinham comparecido: ao meio-dia, noutra mesa de voto, mas na Buraca, apenas cerca de um quinto dos eleitores tinha votado; mas o ritmo crescente de presenças levava a crer que se tratava mais de uma manobra estratégica para evitar as bichas do que propriamente de uma atitude negativa de abstenção.

surpreendidos ficaram os candidatos da FEPU quando viram sentar-se na Mesa 116 o «chefe do bando» dos centristas. Dai o protesto que seguiu os trâmites legais.

publicidade

MÓVEIS POR ELEMENTOS

Isiaf Combi
ENTREGA IMEDIATA

TERGOM, LDA. — Av. do Brasil, 149-A e C - Tels 897166/69 - Lisboa-5



AUTOMÓVEIS DE ALUGUER

S/CONDUTOR

CARROS NOVOS PREÇOS REDUZIDOS

SOLCAR, LDA. CARROS COM MUDANÇAS AUTOMÁTICAS
Rua de S. Sebastião da Pedreira, 51-D (junto Marquês de Pombal) — Telefonet 56 05 00 - 56 05 04 LISBOA

LOJAS-ARMAZENS

Vendem-se ou alugam-se com diversas áreas, bons locais, bons preços. Óptimos acessos. PINACULO — Av. das Descobertas, lote 1512 (Restelo) — Telef. 613318.

ANDARÉS

Com 2, 3, 4, 5 e 7 casas ass. Novas, bons acabamentos, nas melhores condições. Desde 250 contos. PINACULO — Av. das Descobertas, lote 1512 (Restelo).



Fotos do MIRANDA CASTELA

Freitas do Amaral, Sá Carneiro e Alvaro Cunhal, quando, esta madrugada, estiveram na TV a fim de prestarem declarações alusivas à marcha dos resultados eleitorais

OPINIÕES E COMENTÁRIOS

MÁRIO SOARES: VITÓRIA NÍTIDA DO GOVERNO

«Há uma modificação sensível, que já sucedeu da mesma maneira nas eleições passadas, portanto isso não nos deve impressionar. O que conta para nós, e o que é importante nestas eleições, não são os resultados globais, que aliás devem mostrar uma certa estabilidade no eleitorado, mas sim a conquista dos concelhos» — afirmou o primeiro-ministro e secretário-geral do Partido Socialista, dr. Mário Soares, que a meio da madrugada de hoje se deslocou à Fundação Gulbenkian, sendo acompanhado pelo secretário de Estado da Comunicação Social Manuel Alegre.

«Parece que já não se pode duvidar de que o P. S. tem os principais municípios do País, a começar por Lisboa, Porto, Coimbra, Faro, Setúbal, etc.», acrescentou o dr. Mário Soares, segundo a Anop.

«Penso que é ainda muito cedo para fazer uma leitura destes resultados. Vamos primeiro esperar que eles sejam completos e depois vamos interpretá-los. De qualquer maneira, neste primeiro momento, o facto de os grandes Municípios do País serem ganhos pelo Partido Socialista representa para o Governo uma vitória indiscutível» — acrescentou o dr. Mário Soares a uma pergunta de um jornalista.

Acerca da cooperação entre membros dos diversos partidos nos órgãos das autarquias locais, o dr. Mário Soares sublinhou: «Penso que ela tem que se fazer, porque é uma realidade, tem que se fazer da melhor maneira, é uma regra da democracia na medida em que aceitámos o sufrágio proporcional; é evidente que tem que haver representantes de diversos partidos nas autarquias, eles têm o colaborar em benefício das regiões».

Em resposta a outro jornalista, o secretário-geral do P. S. afirmou que «se os resultados mostram que há uma vitória nítida do Governo, não pense que isso aconselharia a uma oposição mais forte, pelo contrário. Mas isso, no fundo, quem dita a oposição não é o Governo, é a oposição».

COSTA BRAS: AGORA DEITEM MAOS AO TRABALHO, QUE TEMOS UM PAIS A ERGUER

O ministro da Administração Interna visitou, durante a noite de ontem e madrugada de hoje, o Cen-

tro de Informática do Ministério da Justiça e o Instituto Nacional de Estatística, dirigindo-se em seguida para a Fundação Gulbenkian, onde chegou por volta da meia-noite.

Após ter percorrido, minuciosamente a sala de imprensa, instalada naquela Fundação, e ter trocado impressões com vários membros do Governo, seguiu para os estúdios do Lumiar da RTP, onde mais uma vez teve ocasião de se pronunciar sobre o acto eleitoral.

Costa Brás confirmou o grau de civismo e a ordem em que se processou, em todo o País, o acto eleitoral para as autarquias locais.

Justificou o aumento de abstencionismo pela saturação resultante de três processos eleitorais no mesmo ano.

E, a terminar, disse o ten.-cor. Costa Brás: «O que eu considero importante é a partir deste momento é que ao fim de tantos anos em que não tivemos a frente das autarquias quem na realidade e povo queria que o tivesse, conseguido isso, que é importante é que o País se consciencialize de que chegou o momento de construir, de levantar, efectivamente, este país. Está normalizada a situação democrática. Estão criadas e guardadas as instituições democráticas que gerem o nosso país. Agora deitem mãos ao trabalho, que temos muita coisa a fazer, que temos um país a erguer».

MANUEL ALEGRE: FAZER RENASCER A TRADIÇÃO MUNICIPALISTA

O secretário de Estado da Comunicação Social, Manuel Alegre, interrogado pela Anop, na Gulbenkian,

prestou as seguintes declarações acerca das eleições:

«Quanto ao significado das eleições, como se sabe, com elas completa-se o processo da institucionalização da democracia em Portugal. Trata-se, ao fim e ao cabo, de fazer renascer uma tradição portuguesa, que é a tradição municipalista, tradição profundamente democrática, de restituir o poder local às populações locais. A partir de agora, serão as populações através dos seus representantes democraticamente eleitos, que passarão a resolver os seus próprios problemas. E isto é uma condição básica da nossa democracia, tal como ela é consagrada na Constituição: a da participação popular na resolução dos problemas que são de todos».

Quanto aos resultados, é muito cedo ainda para fazer prognósticos. Estou convencido de que estas eleições até certo ponto poderão confirmar os resultados anteriores. Estou convencido de que o Partido socialista vai manter ou possivelmente até reforçar as suas posições».

SÁ CARNEIRO: REFORÇO DA OPOSIÇÃO AO GOVERNO

«Penso que estes resultados serão pouco significativos, em quantidade. As primeiras impressões são boas, em relação ao P. S. D. Em relação à percentagem eleitoral, é mais baixa que a anterior, o que era previsível. Todavia, creio que ainda pode subir a percentagem geral de afluência» — afirmou ao princípio desta madrugada o presidente do Partido Social Democrata, dr. Francisco Sá Carneiro, ao chegar às instalações da Fundação Gulbenkian.

«Quanto ao eleitorado do partido, estou convencido

de que vai revelar bastante estabilidade — referiu Sá Carneiro, após o que disse terem os resultados sido mais baixos «por cansaço de eleitorado, um certo desânimo, mesmo um certo desgosto da política, e fadiga, sobretudo».

Em resposta a um jornalista, sobre se haveria alteração na política do P. S. D. em relação ao Governo, face aos resultados eleitorais, Sá Carneiro afirmou que não. Nós, não prevemos qualquer alteração da política do partido, em função do resultado destas eleições. Sempre mantive-mos a opinião de que são eleições tipicamente locais, salvo alterações fundamentais que se não prevêm, não deveriam ter uma repercussão a nível governativo. Quanto ao partido, vamos manter a linha que anunciamos depois do estudo do Orçamento e do Plano de intensificação de oposição ao Governo».

A propósito de sua afirmação de «desgosto do eleitorado», um jornalista perguntou ao presidente do P. S. D. a que se referia, ao que Sá Carneiro salientou:

«Por se ver que a liberdade e a democracia política se traduziram muito pouco em benefícios concretos para o povo. E daí um certo desreído, e como eu disse, um certo desgosto do eleitorado».

Mais adiante salientou: «Não antevejo de modo nenhum que estas eleições tragam um reforço da posição do Partido Socialista».

Perante a pergunta de um jornalista, se «seria um reforço da oposição», Sá Carneiro afirmou: «Estou convencido que sim, que os partidos da oposição podem sair a nível geral ligeiramente reforçados, ou seja, ou pouco reforçados. Mas ainda é cedo para fazer previsões, face aos poucos resultados conhecidos».

FREITAS DO AMARAL: UM GRANDE PASSO A CAMINHO DA DESCENTRALIZAÇÃO

Diogo Freitas do Amaral, presidente do C. D. S., entrevistado pela Televisão, considerou estas elei-

ções como «muito significativas», porque através delas se dá também um grande passo a caminho da descentralização, descentralização que, na sua opinião, «é um objectivo que está longe ainda de ser atingido e que não se obtém apenas pelo funcionamento de eleições locais».

Para se obter uma completa descentralização, tornando-a viável, «é preciso que haja uma grande transferência de poderes legais da parte do poder central para as autoridades locais. É preciso que haja uma grande transferência de verbas, de recursos financeiros, da parte do Orçamento Geral do Estado para os orçamentos municipais», afirmou o dr. Freitas do Amaral. E acrescentou que tudo isso está por fazer e que as perspectivas, de acordo com o Orçamento Geral do Estado para 1977, não são muito animadoras a esse respeito.

«De qualquer modo — referiu ainda o presidente do C.D.S. — o facto de se terem feito eleições, e de, a partir de agora, as comunidades locais, tanto os concelhos como as freguesias, passarem a ser dirigidas por aqueles que o povo directamente escolheu para esse efeito, dá-lhes uma independência e um poder de reivindicação para com o poder central, que val efectivamente funcionar como uma alavanca poderosa no sentido de obrigar as coisas a marcharem no sentido da descentralização».

ALVARO CUNHAL: PROGRESSOS NOTÁVEIS DAS FORÇAS DA F. E. P. U.

Comentando, perante as câmaras da Televisão, os resultados prováveis, e os que até ao momento eram conhecidos, das eleições para as autarquias locais, o dr. Alvaro Cunhal, secretário-geral do Partido Comunista Português, que nestas eleições participou com o M. D. P., C. D. E. e a F. S. P. na F. E. P. U., Frente Eleitoral Povo Unido, afirmou que será preciso ter em conta a vontade do povo alicantino expressa nestas eleições e que era «um erro considerar-se a vota-

ção no Partido Socialista uma votação socialista, porquanto o P. F. D. e o C. D. S. desistiram previamente a favor do Partido Socialista, que diz os votos no P. S., são do P. F. D. e do C. D. S., como por exemplo na Vidigueira». No que respeita ao País, o dr. Alvaro Cunhal considerou haver progressos notáveis de percentagem e números absolutos das forças que estavam com a Frente Eleitoral, comparado com a votação do Partido Comunista e noutras forças políticas que se allaram ao P. C. P. na F. E. P. U.

A elevada percentagem de abstenções foi justificada pelo secretário-geral do Partido Comunista como o resultado de um certo cansaço com uma política que não responde aos interesses do povo, apoiando a sua asserção na actuação dos anteriores e do actual Governo, que «depois de fazer promessas num programa não está a cumprir essas promessas, nem no que respeita à defesa dos interesses dos trabalhadores, nem no que respeita aquilo que nós consideramos a defesa das conquistas da Revolução Portuguesa, que estão consagradas na Constituição: a Reforma Agrária, as nacionalizações e o controlo operário».

RIBEIRO TELES: UMA VITÓRIA ESPERADA

O arquitecto Ribeiro Teles, secretário-geral do Partido Popular Monárquico, ao comentar para a Anop a vitória do seu partido nas eleições para o Município de Ribeira de Pena, disse ter sido «uma vitória esperada», resultante de um trabalho de doutrinação em profundidade, que não foi possível estender a toda a região, transmontana, por falta de meios financeiros».

Disse ainda estar muito satisfeito com os resultados obtidos pelo P. P. M. nestas eleições, destacando a propósito, o terceiro lugar conseguido em Elvas, as duas escassas dezenas de votos da F. E. P. U., que ficou em segundo e em pleno Aentejano».

Sublinhou ainda que a participação do P. P. M. nas eleições foi limitada a alguns concelhos em título experimental, tendo por finalidade avaliar a nossa maneira de sentir a autonomia local».

dip

CORPO REDACTORIAL EM EXERCÍCIO: Jacinto Baptista (director); Abel Pereira (director adjunto e chefe de Redacção); Angelo Granja, António Rêgo Chaves, Botelho da Silva (subchefes); Urbano Carrasco (redactor principal); Acácio Barradas, Adelino Cardoso, António Colaço, Armando de Almeida, Aurélio Márcio, Baptista-Bastos, Bernardino Coelho, Carlos Benigno da Cruz, Carneiro Jacinto, César da Silva, Costa Júnior, Cristina Baptista, Fernando Tavares Rodrigues, Filinto Lapa, João Alves da Costa, João da Câmara, João Paulo de Oliveira, José Eduardo Moniz, José Fieira, José Leite Pereira, José de Lemos, Manuel Gonçalves da Silva, Manuel Pereira Rodrigues, Maria Arminda Reis, Mário Rochá, Nélson Veiga, Nuno Vasco, Rocha Pato, Rodrigo da Silva, Rui Canhão Pereira, Saraiva Mendes, Silva Moura, Viriato Mourão e Vitorino de Sousa (redactores); Corêdo dos Santos, José Antunes, Marques da Costa, Miranda Castela (repórteres fotográficos); António Gil e Isabel Joyce (tradutoras); Edmundo Tenreiro (maquetista).

DELEGAÇÕES:

Porto: R. 31 de Janeiro, 26-2.º Tel. 21222-3 Telex 2783. Coimbra: R. da Sota, 2-A, 3.º Sala 15-Tel. 27293-Telex 3283

ÚLTIMA
UpáginaA

O TV-«COCKTAIL» ELEITORAL DUROU ATÉ AO ALVORECER...

Longa, mesmo muito longa foi a «coirada» vivida pelos jornalistas nos estúdios da RTP na passada madrugada. Das dez às cinco e meia da manhã eis a extensão da maratona.

A partida havia um convite para a imprensa assistir por dentro à emissão especial dedicada às eleições das autarquias locais. Lá fomos. Surpresa: entre a azáfama de estúdios, dos corredores, das salas de «régie», o «cocktail» oferecido pela casa a um número indeterminado de convidados.

Entre crepes de galinha ou espetadilha de porco, entre rissóis de camarão e rolinhos de vitela, entre canapés de espargos e tâmaras com bacon, e entre «petits-fours» da amêndoa e macarrão mole, enfim,

entre «whisky» e chocolate quente, fomos encontrar figuras da cena político-militar em animado convívio de expectativa eleitoral.

Tomás Rosa, presidente da Comissão Administrativa da RTP era o anfitrião. Sucessivamente iam chegando as caras habituais nestas manifestações. Natália Correia e o coronel Jaime Neves estiveram lá quase desde o princípio obrigando os «retroatistas» a queimar imensa película e a disparar flashadas em série. Mas não são aqueles atraíram as atenções. O major Canto e Castro merecia também os olhares de muita gente e andava de roda em roda, ora falando muito seriamente com o ministro Firmino Miguel ora agitando-se num

grupo onde se destacava Basílio Horta, do C. D. S.

Nos «écrans» já tinha passado há um rol de tempo o Jazz de Cascais e o «Clayhanger». Era agora a vez, passada a meia-noite, de entreter os telespectadores com o fado de Manuel de Almeida, com o velho repertório de Max, ou, mais tarde, com o Sr. Contenta e o Sr. Feliz, ou com Paulo de Carvalho. No meio entrevistas com governadores civis, alguns resultados já conhecidos — tudo isto praticamente ignorado pelas visitas da RTP demasiado ocupadas nos «bate-papo» abundantemente regados.

Carca da 1 e 45 e após ter passado pelo «cocktail», o ministro da Administração Interna, tenente-coronel Costa Brás,

foi ao estúdio 4 para uma entrevista com o Joaquim Letria. Disse entre outras coisas que «chegou a vez de levantar este País» e apelou para que a população «deite as mãos aos trabalhos». À saída, interrogado pelo «D. P.» acerca dos acontecimentos mais recentes em relação ao caso da Herdade da Lobata disse que a partir de hoje o Governo está disposto a usar todos os meios para impedir iniciativas como as que uma organização política levava a cabo no sábado.

Pouco depois era a vez de António Barreto chegar. Assim como Freitas do Amaral, Adelino Amaro da Costa e Igrejas Casiro.

Folhas de «telex» com resultados misturavam-se com

sível haver uma diminuição da diferença com o P. S.

UM P. S. EM SANTA COMBA DÃO

Eram três da madrugada quando descobrimos Jorge Campinos, do P. S., com as «últimas» de resultados obtidos através dos serviços de Informação do seu partido. Devido à avaria no computador, estas informações eram já muito mais atualizadas que as fornecidas pela RTP. Entrevistado por José Júdice enumerou todos os concelhos onde o P. S. ganhou e faz realce para a ilha de Porto Santo e para Santa Comba Dão, a terra «simbólica»... que até mereceu um P. S. na Câmara Municipal. Campinos não se esquece de referir que em plena República vamos ter um município monárquico em Ribeira da Pena e conclui afirmando e lembrando que até no número de candidaturas o seu partido foi maioritário nestas eleições.

Olhando, ainda, para «écrans», já se vê o novo presidente da Câmara do Porto, eng.º Aureliano Veloso, irmão do brigadeiro, a falar do futuro municipal. Antes tínhamos assistido ao regresso de Max.

No «cocktail» o Porto secou, os vermetes, o gin tónico e o Madeira continuavam a correr. Havia rostos ainda mais animados que uma hora antes. Havia quem dissesse que para austeridade não estava nada mal...

Acácio Barreiros, da U. D. P., apareceu a rondar as 4 da manhã e foi quase direitinho para o estúdio 4 começando por saudar «todos os trabalhadores e a classe operária portuguesa». Disse que a campanha feita pelos «partidos burgueses e fascistas» tornou muito difícil ao povo de ver claramente qual era o voto antifascista e afirmou esperar que a votação mostre que os G. D. U. P. têm implantação nacional, apesar de não terem dinheiro. A finalizar foi violento para com a Frente Eleitoral Povo Unido classificando-a entre outras coisas da «máscara» do P. C. P.

Álvaro Cunhal e Acácio Barreiros, ambos muito rosados devido à maquilhagem, cruzaram-se (sem se olharem) no apertado corredor que liga o estúdio à porta que dá para o pátio. Cunhal venceu desde logo, na entrevista, que pela informação da TV se ficava com uma ideia errada da votação. Disse que houve um grande sucesso da F. E. P. U. enumerou os concelhos alentejanos onde aquela ganhou e sugeriu que a resposta dos trabalhadores a António Barreto estava dada. «É necessário ter em conta a vontade do povo alentejano» — disse.

As 5 da manhã o «cocktail» ainda escorria. Mário Soares, logo a seguir a Vasco Lourenço, dirige-se aos telespectadores e não hesita em chamar «travestis» do P. C. P. à F. E. P. U. Interrogado por Letria confessa que o aumento de abstenções deve prejudicar os grandes partidos e arrisca que o P. S. «progride em toda a zona industrial do país».

O «cocktail» iria morrer às 5 e meia da manhã com a «adega» seca e a «despensa limpa». Pela calçada que vai dos estúdios à Alameda das Linhas de Torres misturavam-se os militares e os cronistas, os empregados de bar e os locutores, mais os oficiais dos mil um oficiais — juntos durante aquelas longas oito horas. O «cocktail» eleitoral terminara.



Entrecho nos bastidores da TV: o «Sr. Contenta» cavaqueia com o ministro Costa Brás e o conselheiro da Revolução Vítor Alves, durante o intervalo do programa de variedades

Foto de MIRANDA CASTELA

publicidade

Ao dispor das Exmas. Classes Médica e Farmacêutica

influvac

vacina antigripal trivalente

ampolas de 1 dose (0,5 ml)

O influvac tem a composição recomendada pela O.M.S. para a presente época:

A/New Jersey/8/76	400 U. I.
A/Victoria/3/75	400 U. I.
B/Hong Kong/8/73	360 U. I.
Total por dose	1160 U. I.

nuphar PHILIPS-DUPHAR B. V. — Amsterdam-Holanda
Representantes
REPREFAR, LDA. — Calçada do Cordeiro Velho, 3-2º — Lisboa-2

salsichas de Franfort. Alguns rostos conhecidos animavam-se a pouco e pouco com o calor ambiente enquanto António Barreto, um pouco depois das 2 da manhã, dizia nos «écrans», respondendo a uma pergunta, que as suas recentes intervenções na TV podiam, sim, ter tido influência positiva ou negativa nos resultados destas eleições.

As 2 e 20, o bico de obra electrónico, que consistiu numa avaria no terminal do computador no Centro de Informática do Ministério da Justiça, chegou ao conhecimento público, mas os que estavam na «festa» quase nem deram por isso. Foi mais ou menos nessa altura que chegaram Vasco Lourenço e Vítor Alves e pouco depois Sá Carneiro. Este último não demorou muito nos comas e bebés e apareceu nos televisores espalhados pelas instalações do Lumiar a dizer que «estas eleições necessitam de análise cuidadosa». Admitiu, por um lado, que o seu partido registe uma ligeira descida em relação a eleições anteriores, mas a mostrou-se igualmente convencido de que vai estabilizar e até reforçar as suas posições em alguns locais. Afirma, finalmente, que é pos-

dip
hoje
36 pags.

Pág. 2
CARTAS AO DIRECTOR JORNAL DE JORNALIS
Págs. 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9
AS ELEIÇÕES PARA AS AUTARQUIAS LOCAIS
Pág. 10
OPINIÃO (Vitorino Nemésio)
Pág. 11
POLÍTICA
Pág. 12
EDUCAÇÃO
Pág. 13
TRABALHO
Central
INTERNACIONAL AFRICA
Págs. 16 e 17
GERAL CRIMINALIDADE
Pág. 18
CAMPESINATO
Pág. 23
ECONOMIA
Págs. 25, 26 e 27
ESPECTACULOS

Esta edição inclui, em destacável de 8 páginas, o «Suplemento Desportivo».

OS JORNALISTAS DO «DIP» TEM INTEIRA LIBERDADE DE ESCREVER E PUBLICAR ARTIGOS DE OPINIÃO, OS QUAIS, PORÉM, RESPONSABILIZAM APENAS OS SEUS AUTORES E NUNCA O JORNAL NO SEU TODO

O «DIP» NÃO PUBLICARÁ COLABORAÇÃO NÃO SOLICITADA, COLHEITA, NO ENTANTO, COM O MAIOR INTERESSE, OS TEXTOS DIRIGIDOS A SECÇÃO «CARTAS AO DIRECTOR», RESERVANDO-SE A REDACÇÃO O DIREITO DE OS CONDENAR, QUANDO NECESSÁRIO, SEM ATRACÃO O SEU CONTEÚDO (disposições aprovadas pelo Conselho de Redacção do «DIP»)

TIRAGENS
71 600 exemplares em 11-12-1976
64 250
tiragem média no mês de Novembro
SOBRAS
10,7 por cento até 30 de Setembro